

*Stella correu para o jardim. Tinha-o visto cair desamparado no chão. O seu amigo, a sua infância, o seu universo. Os homens dos machetes estavam sujos, a luzir de suor e pareciam satisfeitos consigo mesmos. Antes de cair de joelhos na relva, com a mão a comprimir-lhe o ventre e o rosto afogeedo, Stella soltou um grito de terror.*

*Stella está internada desde esse dia.*

*O médico conversa com a mãe no corredor do hospital. Fala em stress pós-traumático. A mãe deixa escapar um riso nervoso. «Esta menina nunca conheceu nada de grave nem nunca lhe faltou nada... O que me está a dizer, doutor?» O médico pergunta-lhe se Stella é uma sobrevivente. Mas, mal termina a frase, vê a data de nascimento na ficha de internamento. Tem vinte e um anos. A mãe começa a rir — com aquele riso de que Stella tanto gosta, límpido, solto. Porém, com receio de ofender o médico, recompõe-se e, calmamente, confirma que sim, que ela tinha nascido depois da tragédia.*

*Nas noites seguintes, Stella tem dificuldade em adormecer. Longos soluços, gemidos e gritos incessantes ouvem-se pelo edifício. Apercebe-se de uma agitação inquietante no quarto ao lado. Há alguma coisa a raspar, a ranger, a estalar. De manhã, a enfermeira que lhe faz o tratamento conta-lhe que o doente do lado é um homem, internado há anos, de quem não se sabe bem a idade. Passa os dias prostrado numa cadeira, de frente para a janela. À noite, rasteja pelo chão, agarra-se às paredes do quarto. Stella não dorme, retornam as suas opressões, vivas, aceradas. Na obscuridade, olha para o teto, observa os movimentos bruscos das osgas e fica*

*atenta aos barulhos do homem-barata que corre à volta das paredes. O hospital é um barco noturno que recolhe a humanidade das profundezas do abismo, os gravemente queimados pelo esforço de reconstrução, os desgastados pelas pressões familiares, os exaustos pelas convenções sociais, os desertores da grande comédia humana. Mas, acima de tudo, acolhe essas sombras entorpecidas que pedem desculpa por ainda existirem, essas almas errantes que vivem nessas regiões sombrias, carapaças humanas repletas de tormentos e de pesadelos impossíveis de curar.*

*O médico recomeça a fazer perguntas. Gostaria que ela falasse, porque quer entender o que terá provocado aquele estado. Stella não arrisca dizer seja o que for. A sua vida fez-se de uma história que a ensinou a conter as emoções, a deixar correr as lágrimas para dentro. O médico insiste. Stella retrai-se. O coração é um segredo. Como confidenciar a este homem que é por causa de uma árvore? Da sua árvore.*

*O seu amigo, a sua infância, o seu universo.*

*O seu jacarandá.*

1.

1994

A guerra! Não sei porque respondi «a guerra» quando Sophie, a delegada encarregada de me defender no conselho de turma, me perguntou qual o motivo para os meus resultados do último semestre terem sido tão catastróficos. Ela insistiu: «A guerra?» Eu repeti: «Sim, a guerra.» Não ia concordar que não tinha feito nada, que era um preguiçoso que passava o tempo a sonhar acordado e a ouvir rock. Era preciso encontrar uma explicação convincente, impossível de verificar, e que pudesse comover o conselho de turma. Eu poderia ter usado a desculpa de uma doença grave, de um cancro ou de uma insuficiência cardíaca, mas seria necessário apresentar atestados médicos; ou alegar que os meus pais se tinham separado recentemente, mas esse era o caso de metade dos alunos da escola e isso não os impedia de terem notas decentes. Então, sem pensar muito, disse que era por causa da guerra no país da minha mãe. Não consigo perceber como inventei uma mentira daquelas! Mas quanto mais pensava nisso, mais achava que era uma peta credível. Há semanas que os noticiários falavam desse conflito e apresentavam imagens chocantes que atormentavam o espírito. Embora fossem acontecimentos distantes, num país desconhecido, toda a gente, naquela época, tinha uma ideia aproximada do que estava a acontecer. Apostei nesta cartada e inventei tudo: as atrocidades da guerra, a mágoa da minha mãe, os pesadelos do meu pai, as dificuldades que eu tinha em me concentrar e em estudar com serenidade. Percebi que

a minha mentira estava a funcionar ao ver que Sophie me escutava de lágrimas nos olhos. Durante o conselho de turma, ela defendeu-me tão bem, aceitando os meus argumentos com tanta emoção que os professores ficaram preocupados e resolveram esperar antes de decidirem o meu destino.

Eu não tinha imaginado que a escola iria convocar os meus pais. Fiquei preso na minha própria armadilha. No gabinete do diretor, sentado entre o meu pai e a minha mãe, de cabeça baixa, enquanto o diretor lia em voz alta os comentários da delegada, olhava para o meu pé, que se agitava freneticamente debaixo da mesa. Ao sairmos da reunião, quando ainda estávamos no recinto da escola, o meu pai deu-me um raspanete humilhante diante de um grupo de alunos que desataram a rir. Mas o mais difícil de aceitar foi o silêncio da minha mãe. O seu silêncio habitual, limitando-se a olhar para mim durante intermináveis segundos. Um olhar cheio de desprezo que me fez querer desaparecer para sempre. Durante vários dias ela não me dirigiu a palavra. As minhas notas chegaram na semana seguinte. No espaço das observações, o diretor escreveu um comentário mordaz: «Quando as mentiras são descobertas, perde-se a confiança.» Sem surpresa, tive de repetir o sexto ano.

Foi naquela primavera que o Ruanda se infiltrou nas nossas vidas pela primeira vez. A minha mãe nunca tinha falado do país. Para ela, a sua existência tinha começado em 1973, quando chegou a França. Nunca se referia à família, não contava nada sobre a infância, nem possuía nenhuma fotografia da juventude que lá passara. Quando eu era pequeno, devo ter-lhe perguntado onde ficava o seu país, onde estavam os seus pais — os meus avós, que eu não conhecia. Não me lembro do que me terá respondido. O passado da minha mãe era uma autêntica porta fechada. Além disso, ela não ouvia música ruandesa, não cozinhava pratos de lá e nunca me tinha cantado canções de embalar na sua língua materna. Em nossa casa, não havia um único objeto exótico, e nunca nenhum conhecido ruandês nos tinha vindo visitar. No meu espírito, éramos uma família francesa normal. Claro que a minha mãe não conseguia disfarçar a cor da pele e, por vezes, via-se confrontada com perguntas insistentes, observações anódinas ou subentendidos maliciosos que a recambiavam para esse país distante que ela não evocava nem reivindicava como seu. Mas ela não

dava importância a isso. Era anedótico. Não me recordo de a ter ouvido, uma única vez, a reclamar da sua condição ou a denunciar alguma manifestação de racismo. O mais surpreendente era o seu francês sem sotaque. As pessoas ficavam admiradas e felicitavam-na quando sabiam que ela não tinha nascido cá. Os únicos erros que às vezes cometia era uma estranha confusão entre o masculino e o feminino ou pronunciar os «L» como «R», quando estava cansada. O meu pai afirmava que as diferenças de pele nunca tinham sido um problema para ele. «O amor não tem cor», repetia com frequência. Dizia isso com orgulho, declarando não saber qual era a cor da minha mãe. Como ela nunca falava das suas origens, quase me esquecia de que ela tinha nascido e crescido noutras paragens. Por isso, quando a apanhava a falar quiniaruanda numa conversa telefónica e a ouvia a expressar-se fluentemente nessa língua desconhecida, parava, estupefacto. Nunca soube com quem ela falava. Quando a questionava, respondia com evasivas, falando de «velhos conhecidos» ou da «família afastada em Bruxelas». Passei a tirar partido dessas chamadas para a espiar. As suas atitudes, as inflexões da voz, a postura do corpo, até mesmo o bater das mãos no ar transformavam-na noutra pessoa e davam-lhe uma aura misteriosa que me perturbava profundamente. Observava-a nessa nova encarnação, enquanto uma sensação fugaz e desagradável me percorria: a de não saber nada sobre essa pessoa com quem vivia desde sempre. Uma sensação terrível de não conhecer essa mulher, que era a minha própria mãe.

O Ruanda entrou na minha vida através da televisão, a que assistíamos religiosamente à hora do jantar. A primeira vez que o apresentador o mencionou, virei-me instintivamente para a minha mãe, muito animado, quase feliz por o seu país natal estar finalmente a ser discutido nas notícias da televisão. Mas ela não reagiu, completamente absorta nas imagens que desfilavam no ecrã. Notando a minha excitação, o meu pai lançou-me um olhar embaraçado e dissuasivo. No final da emissão, fiquei à espera de uma reacção da minha mãe, o que não aconteceu. Esta cena repetiu-se quase todas as noites. Durante meses, um magma de imagens de morte, de violência e de êxodo foi despejado nos nossos pratos. Antes da transmissão, o apresentador tinha o cuidado de advertir que certos conteúdos eram

suscetíveis de chocar a sensibilidade dos espectadores. Ficávamos imediatamente em silêncio, de olhos pregados no ecrã, com os garfos suspensos, imóveis como estátuas perante o espetáculo daquela barbárie tão distante. Depois, o apresentador reaparecia para anunciar outra reportagem. Um anjo passava antes de as coisas voltarem à normalidade: o meu pai servia-se de um copo de vinho, a minha mãe apimentava com vigor o puré de batata, eu esforçava-me por cortar o bife e afugentar as cenas de horror que acabavam de me atingir. Na nossa casa, a sensibilidade do telespectador era vivida em silêncio. O que acabava por me causar terríveis dores de barriga.

Revejo-me deitado, encolhido na cama durante horas, com a testa a suar, os antebraços a pressionarem-me as tripas que me doem, à espera de que esta azia passe; revejo-me no meu quarto, ao fim da tarde, a olhar para uma sombra que se desvanece numa parede da sala, e a sombra que evolui, treme, se metamorfoseia e depois desaparece ao ritmo do percurso do Sol e do aparecimento da noite; revejo-me prostrado durante horas, com uma sensação inexplicável de que tenho de ter paciência, de que a vida me destina algo que ainda desconheço, e de que a contrapartida para obter esse algo desconhecido é a espera, uma longa espera, serena e persistente.